



FUTEBOL E CIÊNCIA?: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DA PRODUÇÃO E DOS DISCURSOS SOBRE TÁTICA NO FUTEBOL

Palavras-Chave: FUTEBOL, TÁTICA, PEDAGOGIA DO ESPORTE

Autores(as):

PEDRO SILVEIRA BUENO GALANTE, FCA- UNICAMP

Prof. Dr. LUCAS LEONARDO, FEFF – UFAM

Prof. Dr. ALCIDES JOSÉ SCAGLIA, FCA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A discussão sobre tática no futebol tem sofrido alterações importantes, há maior interesse pelo tema e por contribuições científicas. Esse interesse não se resume a mera valorização da tática, mas representa uma nova compreensão desta enquanto uma dimensão organizadora do jogo e de seu processo de ensino-aprendizagem (Casarin *et al*, 2011).

Essas iniciativas são carregadas de um senso de valorização da “representação do conteúdo do jogo e do sistema de relações dos elementos... na medida em que ao permitir evidenciar os aspectos relativos à sua lógica interior, possibilita o aperfeiçoamento contínuo, quer do treino quer do próprio jogo.” (Garganta & Gréhaigne, 1999, p.2). Essa valorização da representação do conteúdo do jogo gerou grandes avanços em termos de sistematização das possibilidades de jogo, além de uma nova relação com a complexidade do jogo, buscando o compreender a partir de seus elementos estruturais.

À luz do paradigma da complexidade (Morin, 1994), levantamos a hipótese dessas contribuições estarem sustentadas em um **paradigma tecnologizado**. Em Morin, a tecnologização é um processo crescente de aplicação da lógica das máquinas artificiais à vida humana e sua organização social. Resumidamente, as máquinas vivas se diferenciam por um proceder estratégico, que se auto-(re)organiza em uma ordem adaptável, enquanto a máquina artificial é programática, com uma ordem externa e invariável. A tecnologização é, portanto, “a inserção do complexo manipulação/simplificação/racionalização no amago de todo pensamento relativo à sociedade e ao homem.” (Morin, 1994).

Convém lembrar que o futebol, é uma expressão humana dotada de uma organização social complexa. A produção científica sobre futebol é, portanto, a produção de uma ciência humana. A tecnologização no futebol não se expressa diretamente, uma vez que o componente de imprevisibilidade característico do jogo impossibilita tentativas de previsão. A influência é paradigmática, epistemológica,

subterrânea. E parece compor um horizonte utópico: a ideia de que desenvolvendo conceitos táticos seria possível chegar mais ou menos a um quase domínio do jogo.

É esta hipótese da tecnologização que expressa nossa preocupação com os impulsos de padronização, tecnologização e industrialização que ferem a autonomia do jogador, a imprevisibilidade do jogo, a diversidade de maneiras de jogar, a intuição criadora que aproxima a prática da arte; enfim, as instituições apaixonantes que fundam a beleza do jogo.

METODOLOGIA:

Trata-se de um estudo qualitativo, dividido em duas abordagens: pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa documental teve como objeto o Glossário do Futebol Brasileiro (Thiengo, 2020), entendido como um documento que carrega o estado da arte do conhecimento em tática no futebol brasileiro. Foram entrevistados o autor do Glossário, dois treinadores e uma treinadora, todos com experiência no alto rendimento do futebol nacional. A entrevista com os treinadores teve um roteiro validado por peritagem (Flick, 2009), visando adotar critérios de confiabilidade. Essas três fontes foram analisadas de maneira conjunta, em um processo de triangulação de fontes, buscando aumentar a confiabilidade e validade da pesquisa (Flick, 2009). Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo por Redução de Dados (Leonardo *et al*, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Análise documental: Glossário do Futebol Brasileiro

A pré-análise do material permitiu a definição de um corpus ao redor de três grandes temas: Tática e estratégia; Cultura, ideia e modelo de jogo e Princípios táticos. Esses são capítulos do próprio Glossário, mas sintetizam os temas de interesse do estudo, assim foram adotados como categorias do próprio estudo, aparecendo também na análise de outras fontes.

De modo geral, para todos temas foi possível enxergar um mesmo conceito com possibilidades de articulações epistemológicas diferentes, a depender da interpretação de palavras ou noções-chave. Entendemos essa multiplicidade de sentidos como uma característica própria do Glossário enquanto documento e também enquanto gênero literário. Apesar de apresentar os conceitos de maneira separada, o Glossário apresenta momentos de articulações entre os conceitos e a própria leitura sequencial das definições carrega um discurso a respeito dos temas. Também esses discursos são ambíguos e tomam rumos diferentes de acordo com a base epistemológica da análise, levantando debates acerca de conceitos-chave.

Em Tática e estratégia e em Princípios táticos, temos um debate sobre como esses conceitos se manifestam e influenciam no jogo: eles são elementos reificados que formam uma estrutura que orienta a ação em jogo? Ou são propriedades da ação em jogo que tecidas juntas formam um sistema complexo que busca navegar o caos do jogo?

Já em Cultura, ideia e modelo de jogo, temos um debate a respeito de como se relacionam o particular e o universal, especialmente na produção da diversidade de estilos de jogo. Essa diversidade

é produto de meras variações, cuja fenomenalidade seria reduzível à uma estrutura universal do futebol? Ou cada jogar particular, cada fenômeno, seria ao mesmo tempo produto e produtor de um sistema-eventualizado?

A análise do Glossário resultou inconclusiva para a caracterização epistemológica dos discursos em tática, em função da sua multiplicidade de interpretações. Entretanto, nos aproximou desses discursos e apresentou possibilidades que serão melhor exploradas no contato com outras fontes.

Entrevista semiestruturada: autor do Glossário

Na entrevista, o autor do Glossário foi apresentado ao marco teórico, à hipótese da tecnologização e às questões que colocamos a partir da análise do Glossário. De início, o autor destacou o Glossário como uma obra “inacabável” e que funciona como um “ponto de partida” para as discussões sem esgotá-las. Essa posição justifica e corrobora nossa conclusão de que, para nossos objetivos, o Glossário é uma fonte inconclusiva. A entrevista com o autor é um novo esforço em direção a conclusões.

Em suas falas, o autor destacou a importância da discussão epistemológica no conhecimento, inclusive mencionando a Educação Física como uma área “com dificuldades em se reconhecer como Ciência.” A partir da conversa, podemos apontar três grandes esclarecimentos prestados pelo autor.

O primeiro diz respeito a nossa hipótese da tecnologização. O autor discorda e busca argumenta que, onde a hipótese enxerga uma tentativa exacerbada de controle, os autores, na verdade, expressavam um desejo histórico de “organizar e dar sentido ao treino.” Conceitos como modelo de jogo e princípio tático não são, assim, tentativas de dominar o jogo conceitualmente, mas ferramentas para conceber e organizar um treino que se relacione com o jogo. Antes disso, o treino era quase sempre descontextualizado, fragmentado, centrado na dimensão física.

Por outro lado, o autor nos ajuda a entender de onde surge nossa hipótese da tecnologização. Ele aponta um erro de interpretação do entendimento público a respeito da ideia de princípio. A partir da influência de uma tradição behaviorista, há um movimento de igualar princípio e comportamento, ideia e manifestação. Essa prática, muito comum na análise de desempenho, acredita que o comportamento é o princípio em si, ignorando completamente que um mesmo princípio pode ter diferentes manifestações. Veja, a denuncia do que chamamos de tecnologização é justamente a da crença de que uma construção teórica (princípio) vai afetar diretamente a prática do jogo. Assim, a tecnologização não é um fenômeno nos conceitos em si, mas há por aí, certamente, praticas tecnologizantes.

Por fim, temos um esclarecimento a respeito do lugar da cultura e as tensões entre particular e universal. Em diferentes falas sobre diferentes culturas, o autor mostrou um entendimento de cultura como a própria substância dos elementos que produzem um jogar, não um sistema anterior de onde derivam os comportamentos, muito menos uma variação de um suposto sistema universal. Mesmo que exista alguma universalidade em certos elementos, eles são lidos e expressados sempre de maneira particular.

“São ideias de jogo similares, só que há a influência da cultura, que é tudo, que não tem como retirar. É como um peixe dentro da água: ele não sabe o que é a água porque ele não viveu fora dela. Isso é como o ar que respiramos.”

A entrevista com o autor promoveu um diálogo interessante com a análise do Glossário e nos permitiu caminhar rumo a conclusões quanto a epistemologia dos discursos em tática. Eles certamente não são discursos estruturalista que “entram na posse do motor íntimo do sistema,” mas ainda não parecem discursos da complexidade, “capaz de tratar o real, de dialogar e de negociar com ele” (Morin, 2001, p. 8). Na verdade, sua sustentação parece bastante construtivista. Os conceitos como modelo de jogo e princípio tático são ideias a respeito do jogo, mas que se adaptam no encontro com o jogo, funcionando, portanto, como o “centro de funcionamento” descrito por Piaget (2003).

Entrevista semiestruturada: treinadores de futebol

Na entrevista com treinadores buscamos verificar como as questões estudadas apareciam no discurso de agentes da prática. Entrevistamos uma treinadora e dois treinadores, todos com experiências em alguma divisão do futebol nacional.

No tema Tática e estratégia, observamos falas muito próximas entre os treinadores e, de modo geral, uma continuidade do discurso presente no Glossário e na fala de seu autor. O mesmo ocorre para a questão da cultura de jogo: a ideia de que a cultura é um conjunto de significados que aparecem no jogar está bem expressa na fala de todos.

Os achados mais interessantes se concentram no tema Princípios táticos. Enquanto a treinadora A é bastante alinhada a ideia de princípio como uma “unidade funcional” do modelo de jogo, mais próxima dos discursos do Glossário e de seu autor, os treinadores B e C apresentam um novo conceito disruptivo: a ideia de vantagem. A ideia não é definida em termos precisos, mas é tida como uma referência profundamente “conectada à lógica do jogo.” Enquanto o princípio e o modelo parecem mais abstrato e exteriores, a vantagem é intrínseca e se materializa nas situações de jogo.

No entanto, treinadores B e C não pensam da mesma maneira. Para B essa oposição é inconciliável e leva a uma ruptura com a ideia de modelo de jogo, inaugurando um novo jogo pautado na busca de vantagens. Já o treinador C é menos radical e busca acomodar as duas perspectivas, entendendo os princípios táticos como “ocupações de espaços” e a vantagem como uma variável que ajuda a selecionar os princípios.

Epistemologicamente, temos que todos treinadores se aproximam ao componente sistêmico do paradigma complexo: falamos das preocupações com a não-fragmentação das partes, as relações todo-parte e parte-todo, as retroações; enfim, a nova arquitetura de relações introduzidas pelas complexidades. Entretanto, nem todos parecem alinhados ao componente emergente do paradigma complexo. A emergência é o processo onde os acontecimento e seus sentidos emergem do funcionamento sistêmico do real, sendo não somente um produto, mas também o processo em si. A treinadora A, por exemplo, apesar de alinhada ao componente sistêmico, credita a emergência dos comportamentos a um sistema de ideias anteriores expressos nos conceitos de modelo de jogo e princípio tático.

O treinador B e a centralidade da ideia de vantagem em seu discurso demonstram uma ambivalência epistemológica. Ao mesmo tempo que a vantagem é um conceito conectado e emergente

da lógica do jogo, ela também é tratada como uma ferramenta analítica para o jogo, bem ao estilo “centro de funcionamento” construtivista. Ela também comporta uma ideia de naturalidade, “buscar vantagem é natural do jogo,” que lembra a crença estruturalista de Lévi-Strauss (2017) em uma naturalidade da expressão da “atividade inconsciente do espírito humano.” Ou seja, é preciso estudar mais e melhor a ideia de vantagem e sua fundamentação epistemológica.

O treinador C, por sua vez, parece ser o mais próximo do componente emergente e da complexidade como paradigma. Ele repete muitas vezes o verbo manifestar: a cultura se manifesta no jogar, a equipe manifesta soluções, os princípios táticos se manifestam para criar vantagens. E o sentido de manifestar é o mesmo de emergir, surgir a partir do funcionamento sistêmico do real. Além disso, foi o treinador mais consciente a nível epistemológico, no sentido de que essas considerações não foram extraídas de falas desinteressadas do treinador, mas foram abertas e conscientemente colocadas pelo mesmo.

CONCLUSÕES:

Concluimos que os discursos sobre tática no futebol não se encontram exatamente em um paradigma tecnologizado, mas que a partir de determinadas apropriações há por aí processos de tecnologização que precisam ser melhores estudados e, em nossa opinião, combatidos. Também destacamos a dificuldade de uma associação ao paradigma complexo, especialmente ao seu componente emergente. Por fim, temos a necessidade de mais e melhores estudos em relação a ideia de vantagem e sua sustentação epistemológica. Vantagem não aparece como conceito no Glossário e parece ter um potencial disruptivo em comparação a conceitos já estabelecidos, como modelo de jogo e princípio tático.

BIBLIOGRAFIA

CASARIN, Rodrigo *et al.* Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v.17, n.3, p.133-152, 2011

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed, 2009

GARGANTA, Julio & GHRÉHAIGNE, Jean. Abordagem sistêmico do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Movimento**, v.5, n.10, p. 40-50, 1999

LEONARDO, Lucas; KRAHENBÜHL, Tathyane; SCAGLIA, Alcides José. Validação e confiabilidade metodológica na pesquisa qualitativa: aplicações a um estudo em pedagogia do esporte. **Motrivivência**, v.35,n.66,2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude **Antropologia estrutural**. São Paulo, Ubu Editora, 2017

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo, Bertrand Brasil, 1994

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2001

PIAGET, Jean. **O estruturalismo**. São Paulo, Difel, 2003

THIENGO, Carlos. **Glossário do futebol brasileiro**. Confederação Brasileira de Futebol